

Lição 11- Jesus, o Rei que você entroniza e obedece

Texto Bíblico: João 1.49; 12.12-16; 19.19

Durante o primeiro século, em que seu deu a vida e o ministério de Jesus, havia entre os judeus piedosos uma expectativa muito grande pela chegada de um Messias prometido no Antigo Testamento para reinstaurar a liberdade, a independência e a prosperidade vivida nos dias de Davi.

Em 40 a.C., o Senado romano havia apontado na Judeia um rei “estrangeiro” sobre a comunidade judaica: Herodes, o Grande. Depois da morte deste, pouco depois do nascimento de Jesus, movimentos messiânicos de libertação nacional surgiram. Para pacificar a região, governadores provinciais foram nomeados. Durante o ministério público de Jesus, Pôncio Pilatos ocupava este cargo.¹

Uma vez que os judeus compreendiam a missão do rei prometido como um messianismo político, buscava-se um novo tempo para a nação, ou seja, a liberdade daquele domínio opressor. Embora Jesus fosse esse Messias prometido, Ele procurou desvencilhar-se da interpretação tipicamente judaica de um reino político. Em João 6.15, por exemplo, ele evita a multidão que desejava proclamá-lo rei político e uma espécie de libertador nacional.

Neste estudo, procuraremos analisar a natureza do Reino de Cristo. Faremos menção do encontro de Jesus com Natanael, a entrada triunfal do Rei em Jerusalém, e a inscrição de Pilatos, na cruz, na qual o Nazareno é denominado Rei dos judeus.

Que tipo de Rei é Jesus? Qual é a natureza de seu Reino? Que Carta Magna rege seu reinado? Quem são seus súditos?

¹ Uma lista completa e sequencial pode ser encontrada em: DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia*. Rio de Janeiro: JUERP, pp.140-141.

Aquele de quem escreveram

No primeiro capítulo de João, versículos 35 a 51, lemos sobre o testemunho dos primeiros discípulos. Dentre eles, dois chamam a nossa atenção: Filipe e um israelita estudioso da lei, Natanael.

Jesus havia deixado a região da Judeia e se dirigido à Galileia (literalmente, “distrito dos estrangeiros”). Seu convite aos primeiros seguidores ocorreu dentro do contexto da pregação de João, o Batista, que o havia identificado (Jo 1.34-37). Em tom de conversa, o discipulado começou. Cada seguidor levava a novidade adiante: “Conheci o Messias, vem e veja com seus próprios olhos” – anunciavam.

Depois de obedecer à ordem simples e direta “Segue-me”, e por causa da natureza testemunhal deste chamado, Filipe assim se referiu a Jesus: “...*Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas...*” (Jo 1.45).

Jesus não é um rei aleatório, que surge num momento de oportunismo. Antes, é o Rei-profeta anunciado por Moisés (Dt 18.18,19) e o cumprimento de todas as profecias messiânicas do Antigo Testamento. Natanael parece inicialmente incrédulo, por causa da origem humilde do filho de um carpinteiro, na cidade de Nazaré. Mas, eventualmente, cedeu à força do testemunho do Cristo, exclamando: “...*Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!*” (Jo 1.49).

“Hosana” ao Rei!

O segundo texto a considerar é João 12.12-19, quando ocorre a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. A multidão, com ramos de palmeiras em suas mãos, saudava Jesus como “*Bendito é o que vem em nome do Senhor*”. Esses ramos lembravam as façanhas do Período Macabeu (167-63 a.C.), quando os revolucionários libertaram a cidade de Jerusalém dos conquistadores sírios e realizaram a rededicação do Templo.

John Davis informa que “Hosana” é um cântico que significava **“Salva-nos (liberta-nos) agora!”**. Isso mostra uma situação que merece nossa reflexão: pode-se saudar Jesus sem que Ele seja, de fato, crido de uma maneira correta. Jesus era um Rei oposto ao desejado pelos que o saudavam. Não era um militar incitando guerras políticas nem tinha pretensões de uma monarquia materialista.

Ao montar num jumentinho, Jesus parece cumprir o texto de Zacarias 9.9, que anuncia a vinda de um rei triunfante e humilde, ao mesmo tempo, o Senhor Jesus ressalta a diferença entre seu reinado interior e espiritual daquele exterior e político pretendido pela multidão.

Jesus, o Nazareno, o Rei dos judeus

Em João 19.19, lemos sobre a inscrição em hebraico, latim e grego que identificava o crucificado como “O NAZARENO, REI DOS JUDEUS”. Pilatos pretendia, com ela, ridicularizar os judeus. O que ele não imaginava era que sua tentativa resultou numa proclamação de caráter universal. Materializou-se, assim, o testemunho oficial de que Deus governa a humanidade a partir de uma cruz.

Simbologia em torno do Rei Jesus

Como afirma Alderi de Souza Matos, *“Os evangelhos deixam claro que há uma relação indissolúvel entre Jesus e o Reino. Ele não somente anuncia o Reino, mas a sua pessoa e obra são elementos essenciais do Reino.”*²

² MATOS, Alderi de Souza. *A igreja como agente do reino de Deus*. In: <http://www.mackenzie.br/7135.html>. Acesso em 8 de dezembro de 2016.

Na enorme riqueza de significados dos ornamentos reais mais comuns, quando o Rei é Jesus, podemos citar três:

Sua coroa – de espinhos, simbolizando sua entrega total em prol dos súditos do Reino.

Seu cetro – de justiça, simbolizando a eficácia da justificação redentora, que oferece na cruz.

Seu trono – de poder, simbolizando a esfera de seu domínio absoluto.

Eu e você nos relacionamos com o Rei que Jesus é, quando cremos. Ele é o Filho de Deus que vem para instaurar o Reino de justiça e paz nos corações humanos (Sl 2.6,7 – conferir João 1.34). Entronizar o Senhor, isto é, conceder-lhe o trono (a autoridade) sobre a nossa vida é o dever de seus súditos leais. Para tal, precisamos obedecer aos seus estatutos e mandamentos.

A Carta Magna do Reino

Todo governo requer uma Constituição, uma Carta Magna. No caso do Reino de Deus, essa legislação que ordena a vida é o amor. Logo, o Evangelho de Cristo é o evangelho do amor: *“Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós; permaneci no meu amor.”* (Jo 15.9).

Nas Escrituras, o amor “é” uma pessoa: “...Deus é amor!” (1 João 4.8b). E por nos amar tanto, o projeto de Deus foi plantar a semente do amor em nosso coração, pela fé.

Se amarmos, seremos como um agricultor, a lançar a semente do evangelho no solo do coração humano e a vê-la ali germinar. Poderemos, assim, alimentar o mundo com os melhores e mais puros frutos.

Se amarmos, seremos como um engenheiro de pontes, a religar pessoas antes separadas de Deus, por causa da inimizade do pecado.

Se amarmos, seremos como um artista, a usar todo o nosso potencial criativo para colorir o mundo e torná-lo mais belo e desejável.

Se amarmos, seremos como um médico, fazendo de nossa prioridade a missão de cooperar com Deus para curar a alma enferma pelo pecado e suas devastadoras consequências, pela inoculação do Evangelho da Salvação.

Pensando o Rei(no) hoje

O Reino de Deus tem caráter pessoal e subjetivo. Diz respeito à ordem e progresso da vida interior, em toda a sua plenitude e qualidades espirituais instauradas pela nossa obediência ao Rei Jesus.

Se cada cristão atentar para os ideais do Reino em sua própria existência, a Igreja poderá oferecer, sim, um exemplo de sociedade transformada pelos princípios do Rei Jesus. Aí começa a verdadeira revolução: no coração do pecador que, arrependido, crê no Rei e submete-se a Ele.

Você consegue imaginar como seria uma sociedade regida pela Carta Magna do Reino de Deus, o amor? Compartilhe com os demais sua opinião.

Para pensar e agir

Não podemos deixar de salientar que, em relação à instauração do Reino de Deus na terra, ocorre uma grande tensão entre a perspectiva ideal e o que ocorre na realidade. É ingênuo pressupor que a instauração do Reino de Deus para a transformação da sociedade como um todo dependa unicamente de o pecador aceitar Jesus como Salvador. A coisa não é tão simples assim.

O Reino de Deus é edificado em duas premissas em relação ao Rei Jesus: devemos crer nEle como “Salvador” e submeter-nos a Ele como “Senhor”.

Assim, ao entronizar o Rei Jesus, teremos que, entre outras atitudes:

1) Priorizar e privilegiar a vontade de Deus sobre a nossa própria vontade. O Rei Jesus o fez e espera que seus súditos também ajam assim (Jo 5.30; 1Jo 2.17).

2) Buscar com todas as nossas forças a instauração do Reino como a proposta cristã de revolução: justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Mt 6.33; Rm 14.17).

3) Assumir, a partir do novo nascimento, as exigências éticas do Rei Jesus, que se constituem em sinais da presença do Reino de Deus na terra. Dentre elas, destacamos a humildade, a dependência de Deus e a confiança nEle (ricos e pobres), a solidariedade com os sofredores e a vigilância.

Temos entronizado Jesus e obedecido à sua ordem? Temos sido súditos leais ao teor amoroso de sua orientação? Se nossa resposta é “sim”, temos sido, verdadeiramente, súditos do Rei.

Leituras diárias

Segunda	Salmo 2.6,7
Terça	Lucas 1.26-33
Quarta	Mateus 2.1-6
Quinta	João 1.35-51
Sexta	João 12.12-19
Sábado	João 18.33-37
Domingo	João 19.19-22